

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



FRASE

“Cuidado com os idos de março”

(Alerta de um adivinho ao imperador apunhalado mortalmente pouco depois. Cena II de *Júlio César*, de Shakespeare)



Este senhor continua o mesmo

FHC organiza a tocaia

► **Os tucanos estão por trás da manifestação do próximo dia 15, mas cuidam, ardilosos, de não mostrar a cara**

Fernando Henrique Cardoso foi o anfitrião de uma das reuniões mais reveladoras e constrangedoras dos últimos dias. Exatamente a 27 de fevereiro, durante almoço no Instituto FHC, o ex-presidente enrolou-se mais uma vez numa proposta de ação política a respeito da passeata pelo *impeachment* de Dilma Rousseff.

Estavam presentes os mais influentes tucanos, como o senador Aécio Neves (MG), presidente da legenda, os senadores Tasso Jereissati (CE), Aloysio Nunes Ferreira (SP) e José Serra (SP), além do senador Cássio Cunha Lima (PB).

“Tem de ficar claro que nós apoiamos, mas não somos promotores”, orientou FHC.

Por outro lado, Aécio Neves, já sem a brandura mineira nos olhos, usou o mesmo disfarce: “Temos de estabelecer esse limite, ter esse cuidado. Não será iniciativa partidária”.

Os tucanos vão para a tocaia. Empoleirados numa árvore seca, sem folhas e sem frutos, torcendo, porém, pelo sucesso das manifestações de 15 de março, batizadas de “Impeachment Já”.

A passeata visa a desestabilização do governo. Para os tucanos, Dilma não pode superar a crise conjuntural nem sobreviver no poder até a eleição presidencial de 2018, que poderá ter Lula na disputa.

O senador Aloysio Nunes Ferreira ofereceu-se para representar o PSDB. Estará nas ruas de olho grande no contingente antipetista da capital paulista, na tentativa de se habilitar eleitoralmente para a disputa da prefeitura no próximo ano. Ele mostra-se disposto a sombrear a própria biografia. Golpeado em 1964, o tucano

agora, contrariamente, ensaia os primeiros passos do andante golpista.

Não há uma linha tênue entre o sentimento traiçoeiro do PSDB e a democracia. Surgiu, entretanto, uma dissidência importante. O governador paulista, Geraldo Alckmin, não vê “razões para o *impeachment*”. Por que ele não terá ido ao almoço de FHC? Faltou convite ou terá recusado para cuidar de coisas mais importantes da administração, como, por exemplo, a crise hídrica?

O ex-presidente FHC é recalcitrante. Recentemente saiu do escritório dele uma consulta ao advogado Ives Gandra Martins sobre a possibilidade de propor o *impeachment* de Dilma.

Em 2005, com o episódio do caixa 2, denominado pela mídia de “mensalão do PT”, ele foi o primeiro a reagir com oportunismo. Propôs publicamente a Lula que desistisse do segundo mandato. Cara de pau! Lembra o senador Aécio Neves, agora apoiando o *impeachment* após ser derrotado nas urnas por Dilma Rousseff.

Proposta ainda mais indecorosa FHC fez, em 1988, ao então presidente José Sarney, em torno dos debates da Constituinte sobre a duração do mandato presidencial. Quem conta é o advogado Saulo Ramos (1929-2013), consultor-geral da República e ministro da Justiça do governo Sarney, no livro *Código da Vida*.

O então senador FHC levou ao presidente a proposta, aprovada na Comissão de Sistematização, pela implantação do sistema parlamentarista.

Sarney objetou e Saulo Ramos deu uma aula de direito constitucional ao senador, e ouviu dele o que chama de “a espantosa frase textual”: “Eu não entendo nada de direito constitucional, mas entendo de política”.

Com a bola na marca do pênalti, Sarney fez o gol: “Eu entendo dos dois (...) o que vocês querem é desestabilizar o atual governo, sem pensar no Brasil e nas consequências desse gesto”.

Sarney saiu da tocaia. FHC não mudou.



A saída de Aécio é bem mais estreita do que a de Dilma

Aécio Neves I

Um tanto marota a decisão do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, de pedir a retirada dos nomes da presidenta Dilma Rousseff e do senador Aécio Neves do material da Operação Lava Jato.

As situações são diferentes. Sabe-se que as citações a Dilma são apenas referências. Nada há sobre o envolvimento dela em fatos. Em malfeitos, como a presidenta diz.

Janot misturou o joio com o trigo.

Sobre Aécio Neves não há provas. Há, porém, indícios fornecidos pelo doleiro Alberto Youssef merecedores de investigação.

O doleiro falou que Aécio teria recebido, em 2005, frutos da propina saídos de Furnas Centrais Elétricas, fornecida por prestadores de serviço para aquela estatal.

O dinheiro teria sido repassado a “Andrea ou Ângela”, irmã de Aécio. Não existe Ângela. Andrea era figura de proa na administração e na campanha presidencial de 2014.

Aécio Neves II

Roberto Jefferson, delator do “mensalão do PT”, deixou gravado em livro – *Nervos de Aço* (Topbooks) – um flash do funcionamento da corrupção em Furnas.

Segundo ele, foram transferidos “mais de R\$ 1 milhão ao governo de Minas Gerais, de Aécio Neves”.

Jefferson faz uma apetitosa referência ao “grupo dos 12” do PSDB, “que ficava com R\$ 600 mil por mês”.

“Três eu sei com certeza: (Luiz) Piauhyllino (PSDB-PE), Osmânio Pereira (hoje PTB-MG) e Salvador Zimbaldi (PSDB-SP)”. Eis aí mais um “mensalão” dos tucanos.

Número 13

Foi mera coincidência a data da manifestação de 13 de março, promovida pelo movimento “Aliança pelo Brasil”, com o número 13 do PT.

Os organizadores alertam que a manifestação não tem nenhum vínculo partidário.

Lula não estará presente no Rio de Janeiro. Ele vai para as ruas em São Paulo.

Janot versus Moro

O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, foi mais cauteloso do que o juiz Sergio Moro com os procedimentos na divulgação da lista da Operação Lava Jato.

Janot tomou duas medidas salutares. Pediu a abertura de inquéritos, no STF e no STJ, e deixou em lista sigilosa as denúncias que exigem mais investigação.

É preciso contornar a fúria do juiz de Curitiba.

Moro escorregou quando disse que várias denúncias estavam “parcialmente amparadas”.

Delações, instrumento

duvidoso de amparo ao juiz Moro, carecem de provas concretas e não de amparo parcial.

Dupla do barulho

Lula e Dilma costumam dizer que a Polícia Federal (PF) atua de maneira independente, assim como o Ministério Público (MP).

A apuração da Operação Lava Jato é uma prova disso.

É natural que haja delegados e promotores tucanos e, em menor número, petistas. Mas o conjunto das duas instituições impede isso.

A tentativa de pressão de qualquer governo, por meio do Ministério da Justiça, circularia tão rápido quanto água de morro abaixo e fogo de morro acima.

Apesar disso, os aliados do senador Renan Calheiros e do deputado Eduardo Cunha, e eles mesmos, fazem circular que o governo tinha condições de ampará-los. Tentam desmoralizar a PF e o MP

Exploração?

Eis a descoberta de uma das modernas funções do emprego público:

“Diretor do Departamento de Modelos Organizacionais e Força de Trabalho dos Setores Social e de Desenvolvimento Econômico e Produtivo da Secretaria de Gestão Pública do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão”.

O nobre funcionário deve trabalhar feito um mouro.

Tráfico

A Polícia Militar do Rio de Janeiro, de comando novo, prepara a reorganização do policiamento nas Unidades de Pacificação (UPPs).

Passado o momento de perplexidade, os traficantes retornaram às favelas e travam um combate feroz com os policiais. A PM está surpresa com a qualidade dos armamentos pesados dos homens do tráfico. Usam, por exemplo, fuzis AK-47, possivelmente vindos da Ucrânia. Chegam ao Brasil ou através da Venezuela ou da Colômbia. São duas das rotas possíveis.

Nos dois primeiros meses do ano, 30 de 70 fuzis apreendidos eram AK-47. A PM está convencida de que não basta a ocupação militar. Acredita que só deixarão de “enxugar gelo” com uma ação integrada dos organismos nacionais de segurança. No Rio, 1,2 mil policiais foram deslocados para guarnecer as favelas ocupadas militarmente.